

Exposição para a audição de 30/03/2011

Ocupamos grande parte do dia-a-dia a avaliar. O comportamento do homem que mandou um cigarro para a via pública, da senhora que não apanhou os dejectos do seu cão, da criança que fez birra na cafetaria, do condutor que não deu prioridade ao peão, do jovem que mandou o lenço para o chão. Sobre estes comportamentos emitimos uma avaliação, interna, connosco próprio ou partilhada com terceiros.

Avaliar é um acto natural e intrínseco ao ser humano.

Os Professores no desempenho das suas tarefas ainda têm mais acrescida esta função de avaliar. Ora, são as avaliações diagnósticas, as formativas, as sumativas, nas dimensões cognitiva, atitudinal e relacional, quer em contexto da sala de aula, quer no espaço – escola, quer nos trabalhos individuais como nos trabalhos em grupo.

Os Professores que ocupam parte significativa do seu dia de trabalho a realizar avaliações, não podem ser contra a avaliação. Não é decerto esta a situação, pois seria difícil de compreender que quem tanto avalia tivesse reticências quanto a ser avaliado.

É certo que os 2 últimos modelos de avaliação não obtiveram a concordância dos Professores, e que o anterior em que 99,5 % dos Professores obtinham a mesma classificação também não se revelava eficaz.

As discordâncias sobre os modelos de avaliação deveram-se, para além das razões amplamente referidas, nomeadamente, de serem excessivamente burocráticos, complexos, de consumirem demasiado tempo na sua execução, de gerarem situações de injustiças e de conflitos inter – pares, ficou também provavelmente a dever-se à deficiente comunicação, partilha de informação e fraco envolvimento de todos os actores envolvidos no processo.

A avaliação é na sua essência polémica, pois conduz à diferenciação e ao reconhecimento através do mérito, provocando mudança de comportamentos, o que gera ansiedade, instabilidade, desconforto que competem minimizar através de um modelo

Exposição para a audição de 30/03/2011

de avaliação de desempenho que deixe inequivocamente claro que o objectivo principal da avaliação deve ser pedagógica, que contribua para o desenvolvimento pessoal e profissional do avaliado, melhorando os resultados e ajudando para se atingirem níveis de desempenho de excelência.

A controvérsia criada com a aplicação dos 2 últimos modelos permitiu identificar alguns factores que se devem ter em conta na construção do próximo modelo de avaliação:

- 1) Deve ser perspectivado como um processo de auto – aprendizagem e auto – conhecimento que contribua para a melhoria de desempenho;
- 2) Deve centrar-se na adequação do avaliado à função e não sobre o avaliado em si mesmo;
- 3) Deve reflectir a mudança de paradigma dos ambientes de aprendizagem no espaço escola e concretamente na sala de aula;
- 4) Deve ser um instrumento para identificar os pontos fortes e fracos, as dimensões em que são susceptíveis melhorias e as necessidades de formação prioritárias;
- 5) Deve ser um modelo claro, objectivo, baseado em descritores simples e assente num processo justo e confiável;
- 6) Deve ser flexível, percebido como um sistema aberto em interacção constante com o meio e visando o seu aperfeiçoamento contínuo;
- 7) Deve ser realizado por uma entidade externa à escola, face à desconfiança gerada pela classificação inter – pares.

Finalmente, um sistema de avaliação docente deve ser perspectivado como gerador de valor, de confiança, com benefício claro para os agentes envolvidos, amplamente partilhado na sua fase de desenvolvimento e comunicado na fase de implementação, de modo a ser aglutinador de consensos alargados e contribuir para a criação de condições de pacificação e estabilização nas Escolas e consequentemente do sistema educativo.

Para bem da Educação, dos nossos jovens e do futuro de Portugal.

Pedro Gomes Vieira